



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 2, jul-dez, 2023, pág. 271- 308

A violência doméstica e contexto escolar: a percepção de discentes amazônidas do ensino fundamental sob o viés da Fenomenologia

Domestic violence and the school context: the perception of Amazonian elementary school students from the perspective of Phenomenology

Violence domestique et contexte scolaire: la perception des élèves du primaire amazoniens du point de vue de la phénoménologie

Ewerton Helder Bentes de Castro
Janderson Costa Meira
Ruy Lima
Vanessa Benites Mena
Larissa Sena de Souza
Débora Moutinho Rodrigues

Resumo

A violência, considerada um fenômeno crescente que incide de forma direta e indireta nos distintos domínios da convivência social, tem sido um tema constante no cenário dos debates acerca dos fenômenos sociais. Sabe-se que situações dessa natureza provoca uma série de modificações nos contextos em que a pessoa que sofre violência transita. O estudo objetivou compreender a concepção de discentes do Ensino Fundamental sobre a interferência da violência doméstica na vivência escolar sob o viés da fenomenologia de Martin Heidegger. A pesquisa é sob o viés qualitativo, descritivo e exploratório. Foi utilizada a proposta do Grupo de Encontro, semanais, com um número total de 23 alunas regularmente matriculadas no ensino fundamental. A análise dos dados foi realizada a partir do referencial teórico proposto por Martin Heidegger e outros autores da Fenomenologia-Existencial. Foram identificadas 3 categorias sendo a primeira composta por subcategorias, são elas: 1. **Falando em violência;** 2. **Configurações familiares:** instâncias de adoecimento; 3. **Reflexos da violência doméstica no ensino-aprendizagem.** Conclui-se que as adolescentes reconhecem os vários tipos de violência, o quanto estas se fazem presentes em sua configuração familiar e a pluridimensionalidade das consequências que incidem sobre a vida escolar, uma vez que, a marca da violência percorre o cotidiano desses adolescentes e os acompanha indefinidamente.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Palavras-chave: Violência doméstica, ambiente escolar, adolescentes, método fenomenológico

Abstract

Violence, considered a growing phenomenon that affects directly and indirectly in the different domains of social coexistence, has been a constant theme in the scenario of debates about social phenomena. It is known that situations of this nature cause a series of changes in the contexts in which the person who suffers violence transits. The study aimed to understand the conception of Elementary School students about the interference of domestic violence in the school experience from the perspective of Martin Heidegger's phenomenology. The research is under the qualitative, descriptive and exploratory bias. The proposal of the Meeting Group was used, weekly, with a total number of 23 students regularly enrolled in elementary school. Data analysis was carried out based on the theoretical framework proposed by Martin Heidegger and other authors of Existential-Phenomenology. 3 categories were identified, the first consisting of subcategories, they are: 1. Speaking of violence; 2. Family configurations: instances of illness; 3. Reflections of domestic violence on teaching-learning. It is concluded that the adolescents recognize the various types of violence, how much they are present in their family configuration and the multidimensionality of the consequences that affect school life, since the mark of violence runs through the daily lives of these adolescents and follows them endlessly.

Keywords: Domestic violence, school environment, adolescents, phenomenological method

Résumé

La violence, considérée comme un phénomène croissant qui affecte directement et indirectement dans les différents domaines de la coexistence sociale, a été un thème constant dans le scénario des débats sur les phénomènes sociaux. On sait que des situations de cette nature provoquent une série de changements dans les contextes dans lesquels transite la personne qui subit la violence. L'étude visait à comprendre la conception des élèves du primaire sur l'interférence de la violence domestique dans l'expérience scolaire du point de vue de la phénoménologie de Martin Heidegger. La recherche est sous le biais qualitatif, descriptif et exploratoire. La proposition du groupe de réunion a été utilisée, chaque semaine, avec un nombre total de 23 élèves régulièrement inscrits à l'école primaire. L'analyse des données a été réalisée sur la base du cadre théorique proposé par Martin Heidegger et d'autres auteurs de Existential-Phenomenology. 3 catégories ont été identifiées, la première constituée de sous-catégories, ce sont : 1. Parlant de violence ; 2. Configurations familiales : cas de maladie ; 3. Réflexions de la violence domestique sur l'enseignement-apprentissage. Il est



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

conclu que les adolescents reconnaissent les différents types de violence, combien ils sont présents dans leur configuration familiale et la multidimensionnalité des conséquences qui affectent la vie scolaire, puisque la marque de la violence traverse la vie quotidienne de ces adolescents et les suit sans fin.

Mots-clés : Violence domestique, milieu scolaire, adolescents, méthode phénoménologique

Constante no cenário de debates acerca dos fenômenos sociais, a Violência Doméstica é uma antiga problemática que incide direta ou indiretamente nos distintos domínios da convivência social e nas práticas políticas e relacionais da sociedade. Caracterizada para além da agressão física, estende-se às esferas verbal, sexual, psicológica e patrimonial, com diversas possibilidades de impacto e afetamento nos sujeitos que as sofrem, e também nos que as praticam.

Presente desde a antiguidade, esse gênero de violência tem se multiplicado na sociedade contemporânea, o que é um chamado para condutas investigativas, compreensivas e interventivas. Conforme Martins (2010), sangue, desejo, poder e sexualidade configuram o terror apresentado nos eventos da violência doméstica. Destacando o uso da força como prática dessa violência, comumente ocorre contra crianças e contra adolescentes, não excluindo as mulheres e homens.

Percebe-se que a violência doméstica é considerada um dos pontos que merecem atenção urgente, reflexão e articulação social e política (Benebo, Schumann & Vaezghasemi, 2018). Depreende-se que, apesar das iniciativas governamentais no país de combate à violência doméstica através de políticas públicas, legislações e/ou tipificações penais específicas, assinaturas de acordos, seu funcionamento é muitas vezes lento, inadequado, insuficiente ou precário. Incapaz de coibir o acontecimento do ato, bem como assistir os prejuízos individuais e sociais advindos dele.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Um dos espaços onde as consequências da violência doméstica podem expressar-se é o ambiente escolar, onde crianças e adolescentes passam a maior parte de seu dia-a-dia quando não estão em ambiente doméstico. É um dos espaços onde expressam sua forma muito própria de ser-no-mundo e, conseqüentemente, de ser-com-o-outro. Pensando a partir desse viés: poderiam ser estas atitudes e vivências na escola, consequência de experiências de violência doméstica? Torna-se, a nosso ver, premente compreender a concepção de docentes e discentes do Ensino Fundamental Maior e Ensino Médio sobre a possível interferência da violência doméstica na vivência escolar sob o viés da fenomenologia de Martin Heidegger, enquanto objetivo geral. Com específicos auguramos: a) conhecer os tipos de violência doméstica identificados por docentes e discentes do ensino fundamental e médio; b) correlacionar a violência doméstica e os prováveis comportamentos de alunos em sua vida escolar; c) elaborar estratégias de prevenção à violência doméstica na instituição escolar e o acompanhamento de alunos que estejam vivenciando essa situação.

Azevedo e Guerra (2005) consideram como um dos pontos críticos para enfrentar essa realidade o descompromisso da universidade, especialmente nos cursos de saúde, educação, direito e ciências sociais quanto à compreensão e eliminação do fenômeno da violência doméstica.

Por isso, esse estudo é relevante em reconhecer e atuar na necessidade de acolher e compreender – para então intervir e combater em âmbito escolar – o fenômeno da violência doméstica, uma vez que esta está no ato implícito ou explícito de degradação da condição humana, e fere o Artigo 5º da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Básicos e inalienáveis, se estendem à toda a humanidade, e, portanto, à menor e mais primária representação dela – a família.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Sendo a escola o ambiente mais frequentado por crianças e adolescentes depois do espaço doméstico, confere-se como um excelente campo de reconhecimento e acolhimento de percepções, demandas e enfrentamentos de violência doméstica, sejam as próprias crianças e adolescentes vítimas, espectadoras ou praticantes desse fenômeno, mas certamente envolvidas por ele. No meio escolar, há ainda a oportunidade de construir intervenções coletivas – agregando o corpo docente e as famílias dos estudantes em complementaridade ao processo educacional que contribui para a formação humana, cidadã, política e acadêmica desses sujeitos.

Este estudo é resultado de Projeto de Iniciação Científica do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, cuja vigência se deu em 2021/2022, realizada com discentes de uma escola de ensino fundamental da rede pública estadual de ensino em Manaus. Para a consecução deste trabalho, foi utilizado o método fenomenológico de pesquisa em Psicologia, parâmetros do Grupo de Encontro e a análise sob o viés da Fenomenologia de Martin Heidegger.

Revisão da Literatura

A violência é um fato que acontece desde a antiguidade, e na sociedade contemporânea esse fenômeno tem se multiplicado, e inúmeras causas tem sido foco de estudos e preocupação. A violência tem sido considerada um problema de saúde pública que pode gerar consequências inestimáveis à saúde como um todo, podendo, inclusive levar a morte (Minado, 2006; Souza, Lauda & Koller, 2014; Teixeira-Filho, Rondini, Silva & Araújo, 2013).

No contexto familiar, a violência é entendida como um problema social que afeta a todas as camadas socioeconômicas, interferindo no sistema familiar como um todo e atingindo, principalmente, mulheres,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

crianças e adolescentes (Araújo, 2002; Castro, 2023; Meira & Castro, 2023; Silva & Castro, 2023).

De acordo com Chauí (1998, p. 33-34), etimologicamente, o termo violência tem origem no latim vis (força), e apresenta cinco sentidos básicos: 1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de um ser (portanto, é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (portanto, é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade; 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; 5) conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror.

Atualmente, o conceito de violência é amplo; “não existe uma violência, mas uma multiplicidade de manifestações de atos violentos, cujas significações devem ser analisadas a partir das normas, das condições e dos contextos sociais, variando de um período histórico a outro” (Waiseldisz, 2015, p.144-145).

Ainda que nos dias atuais tenha ocorrido um avanço no que diz respeito às políticas públicas de enfrentamento à violência de gênero (destacando-se, por exemplo, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher; Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher; o Programa Nacional de Direitos Humanos e a Lei n.º 11.340 – denominada Maria da Penha, que supera a Lei n.º 9.099/95), recorrentemente somos notificados pela mídia de casos relacionados à violência de gênero.

A violência psicológica, principalmente o crime de ameaça, segundo Mesquita (2010), é a primeira e mais frequente forma de violência vivida pelas mulheres. Além disso, essa violência costuma ser justificada com diferentes argumentos: amor, ciúmes, problemas na



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

família, abuso do álcool. Sendo também a violência psicológica a entrada para os outros tipos de violência. Os dados publicados no Mapa da violência em 2015 (Waisenfisz, 2015) apontam a prevalência da violência física (48,7%), seguida da psicológica (23%) e sexual (11,9%), mas como esses dados são obtidos pelo Sistema Único de Saúde, a busca por atendimento médico influencia a ênfase nas agressões que produzem danos físicos.

A violência doméstica se refere ao espaço físico privado, mais do que às relações de afeto, podendo acontecer entre pessoas que ali convivem, como empregados, por exemplo (Brasil, 2001; Nórtte, 2015). A violência intrafamiliar, por sua vez, é considerada como toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, integridade física e psicológica, bem como o desenvolvimento de membros da família, podendo ser cometida por um membro ou pessoa que assume funções parentais, dirigida a outro membro, mesmo sem laços de consanguinidade (World Health Organization, 2002). Essa violência pode ocorrer no espaço doméstico ou fora deste, e diz respeito às relações entre vítimas e perpetradores da violência, mais do que ao espaço físico onde ocorre. Podemos salientar também a violência conjugal é entendida como comportamentos agressivos que ocorrem contra a mulher adulta ou adolescente no contexto de um relacionamento heterossexual íntimo (legalmente casados ou não). Nos últimos anos, muitos pesquisadores têm optado por usar o termo “violência entre parceiros íntimos”, que pode ser definido como a ameaça, tentativa ou ato concreto de violência física, psicológica e/ou abuso sexual cometido por um parceiro atual ou anterior [marido, ex-marido, esposa, ex-esposa, namorado(a), ex-namorado(a)] (Breiding & Ziembroski, 2011).

As crianças são uma das principais vítimas destes tipos de violência. Elas podem ser tanto vítimas diretas, quando as agressões são voltadas especificamente a elas, quanto vítimas indiretas, nos casos



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

em que sofrem as consequências por presenciarem a violência sofrida por outrem (Almeida *et al.*, 2013; Malbergier, Cardoso & Amaral, 2012). Em ambas as situações as consequências desse tipo de violência contra crianças/adolescentes são desastrosas e repercutem em todos os segmentos da sociedade, com agravos significativos à saúde das mesmas.

A Organização Mundial de Saúde define abuso físico contra crianças como os atos praticados por um cuidador ou familiar que causam danos físicos reais ou possuem o potencial de causá-los (2002). É difícil definir este tipo de violência devido ao estreito limiar entre a agressão física com fins disciplinares e a agressão física severa, visto que a disciplina por meio de punições físicas e psicológicas muitas vezes faz parte da educação dada pelos pais aos filhos (Andrade *et al.*, 2011; Vieira, Littig & Vescovi, 2014).

Tendo em vista que crianças e adolescentes se encontram em fase de desenvolvimento físico e psíquico, esta forma de violência é capaz de causar alguns tipos de danos emocionais, físicos, morais, patrimoniais e psicológicos às vítimas e suas crianças e adolescentes, assim a negação do direito e seu desenvolvimento são afetados. É válido ressaltar que não apenas a exposição direta à violência como vítima, mas também a exposição indireta, como testemunha da violência, resulta em consequências ao desenvolvimento humano (Almeida, Miranda & Lourenço, 2013; Hardaway, McCoy & Wood, 2012; Ho & Cheung, 2010; Mrug & Windle, 2010), por exemplo: problemas de comportamento internalizante (depressão e ansiedade; ; Margolin *et al.*, 2010; Mrug & Wingle, 2010). Resultados negativos em termos educacionais, também são encontrados: evasão escolar (Hayne *et al.*, 2009), problemas de comportamento na escola e menor desempenho escolar (Brancaleone, Fogo & Williams, 2004).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Muitas crianças, por serem vítimas de violência doméstica/intrafamiliar, são mais agressivas na escola. Isso as torna mais rejeitadas pelos colegas e professores, gerando maior estresse e afetando os processos de aprendizagem e o estabelecimento de relações de companheirismo (Lisboa, 2002; Branco & Tomanik, 2012).

A violência familiar faz simbiose com a violência que ocorre no ambiente escolar: práticas disciplinares inconsistentes ou excessivamente rígidas; dificuldades em ensinar mediação de conflitos para as crianças e adolescentes; falta de atenção às crianças e jovens e negligências quanto a suas necessidades (Fernandez, 2005; Almeida, Miranda & Lourenço, 2013).

Tendo em vista o ambiente escolar, muitos autores como Williams e Pereira (2008), através de suas pesquisas informam que os professores devem estar atentos no agir das crianças, pois o comportamento agressivo na escola é um dos sinais de que possa estar ocorrendo violência doméstica. Em razão desta demanda, é de suma importância que o corpo docente (educadores, pedagogos e diretores) esteja apto para identificar situações de risco para estas crianças, ou seja, situações em que estejam “sendo alvo de violência direta por parte de familiares ou sendo exposto à violência indireta quando há violência conjugal”.

O baixo rendimento escolar também pode ser considerado uma evidencia da ocorrência de violência doméstica. Diferentes estudos apontam que a exposição a violência afeta negativamente múltiplos domínios de funcionamento nos filhos das vítimas, porque além de presenciar a violência os filhos tem que lidar com a perturbação causada nas mães, vítimas de violências, que afetam não só seus comportamentos parentais como a sua interação com os filhos (Preto & Moreira, 2012).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Violência doméstica: rápido olhar sobre o fenômeno

violência doméstica é um problema global que afeta países em todo o mundo, independentemente de sua cultura, desenvolvimento econômico ou sistema político. No entanto, é importante observar que a disponibilidade de estatísticas e dados sobre violência doméstica pode variar entre os países devido a diferenças nos sistemas de relatórios, definições legais e culturais, além de subnotificação de casos.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que cerca de 30% das mulheres em todo o mundo tenham sofrido violência física e/ou sexual por parte de um parceiro íntimo em algum momento de suas vidas. Esses números podem variar de acordo com as regiões e países específicos. Além disso, a violência doméstica também afeta homens e crianças.

Em relação à violência contra as crianças, a UNICEF estima que cerca de 1 bilhão de crianças entre 2 e 17 anos tenham sido vítimas de violência física, sexual ou emocional em 2019. Essas estimativas incluem diferentes formas de violência, tanto dentro quanto fora do ambiente doméstico.

É importante mencionar que a violência doméstica não se limita a agressões físicas. Ela também engloba abuso emocional, psicológico, sexual e financeiro. Além disso, a violência doméstica pode ocorrer em qualquer tipo de relacionamento íntimo, não apenas entre casais heterossexuais, mas também em relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo.

Embora os dados gerais possam fornecer uma ideia do alcance do problema, é importante reconhecer que a violência doméstica é um assunto complexo e sensível, e muitos casos podem não ser relatados ou documentados. As organizações governamentais, ONGs e instituições de saúde de diferentes países trabalham para coletar dados



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

e estatísticas mais abrangentes sobre a violência doméstica para combater esse problema global e fornecer suporte às vítimas.

Violência doméstica e suas consequências no ensino-aprendizagem: tecendo possibilidades de compreensão

A violência doméstica pode ter um impacto significativo no ensino-aprendizagem das vítimas, especialmente quando se trata de crianças e jovens. Aqui estão algumas das consequências comuns da violência doméstica nesse contexto:

1. *Estresse e trauma emocional:* A exposição à violência doméstica pode causar estresse crônico e trauma emocional nas vítimas. Isso pode afetar negativamente sua capacidade de concentração, memória e atenção, dificultando o envolvimento adequado nas atividades escolares.
2. *Baixo desempenho acadêmico:* O estresse e o trauma resultantes da violência doméstica podem levar a um desempenho acadêmico inferior. As vítimas podem ter dificuldade em se concentrar nas tarefas escolares, apresentar falta de motivação e ter problemas de frequência escolar. Isso pode levar a um declínio nas notas e no progresso acadêmico.
3. *Problemas de comportamento:* As crianças expostas à violência doméstica podem exibir problemas de comportamento, como agressividade, isolamento social, ansiedade, depressão e dificuldades de relacionamento com colegas e professores. Esses problemas comportamentais podem interferir no ambiente escolar e prejudicar a interação e o envolvimento adequado na sala de aula.
4. *Baixa autoestima e falta de confiança:* A violência doméstica pode abalar a autoestima e a confiança das vítimas. Isso pode afetar sua percepção de si mesmas como aprendizes capazes e



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

confiantes. Uma baixa autoestima pode levar a uma falta de motivação e autodúvida em relação às suas habilidades acadêmicas.

5. *Dificuldades de relacionamento*: As experiências de violência doméstica podem prejudicar a capacidade das vítimas de desenvolver relacionamentos saudáveis e construtivos com colegas e professores. Dificuldades de confiança, medo de julgamento ou rejeição e problemas de comunicação podem impactar negativamente a interação social e colaboração no ambiente escolar.
6. *Falta de suporte e recursos*: Além dos efeitos diretos da violência doméstica, as vítimas podem enfrentar dificuldades em buscar apoio e recursos para lidar com suas situações. A falta de suporte emocional e financeiro pode criar barreiras adicionais para o sucesso educacional.

É fundamental que as escolas estejam cientes dessas possíveis consequências e ofereçam um ambiente seguro e de apoio para as vítimas de violência doméstica. A colaboração entre professores, orientadores, assistentes sociais e outros profissionais pode ajudar a identificar e apoiar adequadamente os alunos afetados, fornecendo serviços de aconselhamento, encaminhamentos para serviços externos e ajustes acadêmicos, quando necessário.

Fenomenologia de Martin Heidegger

O filósofo alemão nasceu na cidade de Messkirch em 26 de setembro de 1889. Teve sua formação filosófica realizada na Universidade de Freiburg-im-Breisgau (CASTRO, 2009; 2017; 2019; 2020; 2021).

Em “Ser e Tempo”, Heidegger (2013) faz uma abordagem, a partir do método fenomenológico, sobre a questão do Ser, de onde faz seu



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ponto de partida. Através do próprio homem, o filósofo aponta que esse é o caminho pelo qual o Ser se dá a conhecer. A solidão do homem propicia o interrogar-se a si mesmo, colocando-se como centro da questão e, assim refletindo sobre ele mesmo, é quando o Ser se mostra, o ser se des-vela. Desvendar o ser em si mesmo, partindo da existência humana (*Dasein – Ser-aí*) é o objetivo da reflexão filosófica deste autor.

O filósofo vai fazer referência acerca do que denomina com o termo existencial. Primeiramente, existencial diz respeito ao ser-no-mundo, estrutura de realização que possibilita a “visão penetrante da espacialidade da *pre-sença*” (Heidegger, 2013, p.94). Outro existencial é o *ser-em* que transcende a noção ôntica da inclusão no espaço; que diz respeito a um estar junto, lançado em um mundo que se habita, sem que se possa ter tido a possibilidade da escolha, e este estar-lançado da *pre-sença* em um mundo que não foi escolhido e que, por sua vez, pode revelar-se inóspito ou não, Heidegger nomeia como facticidade.

Heidegger (2013) caracteriza a facticidade do *Dasein* como sendo o ser lançado em um mundo sem que lhe seja propiciada a possibilidade de escolher país, cidade, família e classe social. Dessa forma, o *Dasein* estará submetido a contingências políticas, econômicas e sociais, culturais e históricas (Castro, 2017).

Outro elemento vem juntar-se aos anteriores: mundo. Em relação a isto, Heidegger vai fazer uma distinção acerca da concepção de mundo considerado ôntica e ontologicamente. Assim, enquanto no conceito ôntico, mundo é o elenco das coisas que nele estão, configuradas e descritas, ao conceito ontológico, para conceituar mundo de acordo com Heidegger torna-se necessário compreender outro termo, mundanidade. Segundo o próprio autor, mundanidade constitui-se “na estrutura de um momento constitutivo do ser-no-mundo” (Heidegger, 2013, p.104), ou seja, no dizer de Forghieri (2011, p.29) “o conjunto de relações significativas dentro do qual a pessoa existe”. A *pre-sença*, assim



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

compreendida, não existe por causa do mundo ou o mundo por sua causa, mas já se encontra num mundo, como parte essencial de sua existência, portanto, daí o termo ser-no-mundo.

Três esferas fundamentais e simultâneas constituem a espacialidade existencial da *pre-sença*: o mundo circundante, o mundo das relações e o mundo pessoal, sendo o primeiro (mundo circundante) o relacionamento que o homem estabelece com o meio, com o ambiente, e envolve tudo o que de concreto está presente nas situações vivenciadas pela pessoa.

Heidegger (2013) considera que tendo em vista a existência se revelar como a essência da *pre-sença*, esta somente poderá ser analisada em sua relação com os outros, ou seja, a partir de seu mundo de relações. O autor considera esta como a mais fundamental característica do existir humano.

Heidegger (2013) distingue o tempo como uma questão a ser considerada. Na temporalidade existe a dimensão que, no pensamento heideggeriano, é fundamental da existência humana, uma vez que é aí que o *Dasein* encontra condição de realização em suas possibilidades de vir-a-ser. Na reflexão deste filósofo há sempre, no *Dasein*, uma tensão constante, presente, resultando em uma inquietação relativa ao tempo, entre aquilo que o Ser-aí é, o seu devir e seu passado. A vivência da temporalidade pode dar-se na inautenticidade assim como na autenticidade. A vivência da autenticidade da temporalidade dá-se através da inquietação, que possibilita com que o homem ultrapasse o estágio da angústia e retome o seu destino em suas próprias mãos. A inautenticidade dá-se no distanciamento de si próprio, como se fosse levado pelo destino.

Alguns conceitos/ideias são considerados fundamentais na Ontologia Heideggeriana. Dentre estes podemos citar: viver como homem é jamais alcançar qualquer fixidez; afinal, habitamos num mundo



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

inóspito, somos lançados no mundo e ser-no-mundo como homens é habitar essa inospitalidade. Assim, no pensamento deste filósofo a não-pertença ao mundo, seja este natural ou artificial, é vivido pelo homem como uma experiência de desalojamento, desamparo que ele quer a todo custo superar. Entretanto, este desamparo é a condição de liberdade para o próprio homem (Castro, 2009; 2017; 2019; 2020; 2021).

Considerando estes aspectos, Heidegger ressalta ainda em *Ser e Tempo* (2013) que a experiência da vida é, originalmente, a experiência da fluidez constante, da mutabilidade, da inospitalidade do mundo, da liberdade e que a segurança não está em parte alguma. Contudo, em seu pensamento não caracteriza, este aspecto anteriormente descrito, como deficiência do existir como homens, mas sua condição, quase como sua natureza. Para o filósofo o Ser do homem pode ser conhecido a partir de seu discurso.

Trabalhar com o discurso significa opção pela linguagem e em Heidegger (2003), a linguagem não é apenas um meio de expressão ou, como ele mesmo diz: o meio de um organismo se manifestar. Ao afirmar que a linguagem é a morada do ser é porque, para ele, o que existe antes de tudo é o Ser, sendo que o pensamento pode pro-mover a relação do Ser com o homem e a linguagem é parte decisiva desse encontro. Para pensar a linguagem é preciso penetrar na fala do Ser, a fim de conseguirmos morar na sua linguagem, isto é, na fala de outro Ser e não na nossa. Somente assim é possível alcançar o âmbito no qual pode ou não acontecer que, a partir desse âmbito, a linguagem do outro nos confie o modo de ser desse outro, a sua essência. Entregamos a fala à linguagem. Dessa forma, não queremos fundamentar a linguagem com base em outra coisa do que ela mesma nem esclarecer outras coisas através da linguagem. (Heidegger, 2003; p.9; Porto & Castro, 2020; Castro, 2020; 2021; 2023).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vale dizer, ser-no-mundo é pertencer ao mundo, sem, contudo, se reconhecer pertencendo. É não se sentir em casa como diz o próprio Heidegger (2013), quando se refere à estranheza na angústia. Na angústia se está estranho. Eis a *pre-sença* na angústia. A tempestade do ser (Castro, 2009, 2017; 2019; Pereira & Castro, 2019; Soares & Castro, 2020; Silva & Castro, 2020; Meira & Castro, 2023; Silva & Castro, 2023; Alencar, Meira & Castro, 2023; Macêdo & Castro, 2023).

Um ponto fundamental em Heidegger (2013) é no que se refere ao cuidado como constituindo a própria dimensão do ser da *pre-sença*, o pôr-se para fora: é o *ec-sistir*, movimento do existir. O cuidado – como processo de constituição da *pre-sença* – se dá no acontecer, isto é, no tempo. Cuidar constitui-se no exercício da pre-ocupação com o acontecer. O cuidado constitui-se no movimento do existir, na abertura do ser do ente. O fechamento do ser do ente, a “escassez” da *ek-sistência*, significa dizer que se é mais do “ente” do que do “ontos”.

Trajectoria Metodológica

Utilizou-se a modalidade de Grupo de Encontro idealizada por Carl Rogers. A cada Encontro foi realizado um encontro com 10 a 15 alunos de cada sala e buscamos a compreensão a partir de significados existentes em seus discursos, expressos nas sessões do Grupo de Encontro, considerando a teoria da Psicologia Fenomenológico-Existencial.

A abordagem foi qualitativa, haja vista que se pretendeu obter os significados da percepção que adquire um significado, para quem a experiencia, relacionado à sua própria maneira de existir (Minayo, 2014; Pereira & Castro, 2019).

Participantes: Foram considerados participantes 23 alunos do Ensino Fundamental, sendo que o gênero feminino foi o mais participativo e, dado a esse movimento, suas falas foram as priorizadas para este



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

estudo. Os nomes fictícios são de mulheres que se destacaram em suas áreas.

Local da pesquisa: Laboratório de informática da escola.

Procedimento: Inicialmente buscamos autorização da instituição no sentido de levantar o número de adolescentes regularmente matriculados no ensino fundamental maior e médio da escola.

Conforme citado anteriormente, utilizou-se a proposta de Carl Rogers denominada Grupos de Encontro que é desenvolvida da seguinte forma: a) Encontro semanal com áudio-gravação das sessões; b) Acolhimento dos participantes; c) Estabelecimento do foco da discussão; d) Discussão da temática; e) Avaliação; f) Encerramento

A pesquisa ocorreu em uma escola de ensino fundamental da cidade de Manaus, devido à dificuldade para conciliar horários entre docentes e discentes, optou-se por trabalhar apenas com os estudantes. O trabalho ocorreu durante 4 encontros, com turmas do sexto, sétimo, oitavo e nono ano, com grupos de 12 à 18 pessoas por turma e de diferentes gêneros.

A escolha para os participantes dos encontros foi feita pela pedagoga da escola, para compor cada grupo de encontro foram selecionados alunos de turmas diferentes, mas com o mesmo grau de ensino.

Análise dos dados: Utilizamos as orientações de Giorgi & Souza (2010); Silva & Castro (2015); Gomes & Castro (2016) e Pereira & Castro (2019) propostas em vários momentos: a) Leitura de cada sessão áudio-gravada do princípio ao fim no objetivo de compreender a linguagem do participante e consequente visão do todo; b) Releitura atenta de cada entrevista, quantas vezes foram necessárias, com a finalidade de discriminação de unidades de significados dentro da perspectiva do pesquisador; c) Diante das afirmações significativas, houve uma postura reflexiva e imaginativa, para expressar o que se intuiu dentro delas



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

mesmas, deste modo buscando-se expressar o insight psicológico nelas contido, mais diretamente; d) Elaboração das Categorias Temáticas.

Análise dos dados propriamente dita: Utilizou-se o referencial teórico de Martin Heidegger, especificamente nas obras Ontologia Hermenêutica da Facticidade, Ser e Tempo, A caminho da Linguagem e Mundo, Finitude e Solidão.

O projeto foi aprovado pelo CEP/UFAM sob o número CAAE: 56249822.4.0000.5020, em reunião de 31.03.2022.

Resultados e Discussão

A priori, a pesquisa ficou dividida em três categorias principais: **Falando em violência; Configurações familiares: instâncias de adoecimento e Reflexos da violência doméstica no ensino-aprendizagem.**

1. Falando em violência.

1.1. Percepção dos discentes sobre a violência doméstica

Dentre os relatos coletados sobre a temática da violência doméstica, a percepção que os discentes têm sobre esse fenômeno se mostrou bastante difusa e confusa. Entretanto, a verbalização traz que é um erro, o gênero masculino como maior responsável, e, concomitante a isso, dois discursos trazem o vivido, a lembrança do que lhes ocorrera:

Sobre a questão da violência doméstica... É.. hoje em dia um mundo/ ele se retrata da violência doméstica mais na parte da mulher, a mulher é a pessoa que mais sofre. Desde os tempos passados até hoje em dia, elas lutam pelos seus direitos, mas os homens não dão oportunidade. E.. é errado, também já aconteceu na minha casa, também violência doméstica, que isso abala tanto fisicamente quanto psicologicamente. **(Rosa Luxemburgo)**



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

O quê que eu posso dizer como violência doméstica, violência doméstica é uma coisa que acontece com mulheres ou crianças quem também acontece com... quem comete violência doméstica são os mais os homens, parceiros ou pais e é meio difícil de falar também porque isso já aconteceu na minha casa, e é muito triste também ver isso acontecer na frente de mim, e eu não consigo também porque eu sou muito sensível, choro por tudo, ainda mais quando gritam comigo. **(Rosa Parks)**

É agressão a mulher, porque o homem consideradamente, ele tem muito mais força que a mulher bater em uma pessoa que não tem aquela força para se defender, então é bem errado isso. **(Anne Frank)**

Alguns participantes conseguem trazer em seu discurso a compreensão da existência de diversas formas de violências possíveis no ambiente doméstico, fazendo a citação direta ou indireta dessas diversas formas de violência, alguns inclusive com exemplos.

Agressão física, moral, psicológica, patrimonial, sexual entre outras; Agressão física, sexual, moral, porque muitas das vezes a pessoa que sofre violência doméstica elas não tem direito de... ter seu próprio dinheiro é.... ter posse dos seus documentos, seu cartão, seus próprios pensamentos, muitas das vezes muitas mulheres ficam com depressão por conta disso. **(Ada Lovelace)**

Tem a física e tem a mental; Mental é aquele negócio que a pessoa fica falando ou colocando coisa na nossa cabeça e a gente só tem que aceitar e ouvir calada, a física é quando já se torna mais violenta. Exemplo, quando a pessoa não é seu pai ou sua mãe e acaba te agredindo. **(Angela Davis)**

Ser-no-mundo é compreender-se lançado em um mundo que não optamos, não escolhemos. No que tange à violência doméstica, as participantes trazem em seu discurso o quanto reverberou e ainda



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

reverbera em si mesmas situações de violência doméstica. Se em primeiro momento os discursos parecem confusos, percebe-se que, a pouco e pouco, as falas estão plenas de sentido. O olhar das adolescentes é direcionado para o que têm visto de modo muito próximo e, nesse momento, trazem as várias dimensões do mundo-vivido, da facticidade que naquele momento se abateu sobre elas (Heidegger, 2013).

Em seus estudos sobre a atividade do Plantão Psicológico nas escolas, corroboram com essas acepções os trabalhos de Castro (2023), Meira & Castro (2023), Mena, Silva & Castro (2023), Alencar, Meira & Castro (2023), Macêdo & Castro (2023) que ao trabalhar com adolescentes em escolas da rede pública encontraram situações em que a dor e o sofrimento de adolescentes que vivenciaram a violência doméstica deixa profundas marcas não apenas no corpo, mas a nível psíquico e, este último, resulta em consequências relacionais na instituição familiar, na escolas, enfim, em suas configurações relacionais de modo geral.

1.2. Violência doméstica presenciada: o mundo me fere, eu a ele me refiro!

Alguns adolescentes relataram terem tido experiências próximas ou pessoais com violência doméstica, geralmente de familiares com grau de parentesco muito próximo, tais como: mães, irmãos, pais, padrastos e tios. A maioria havia convivido com os agressores e vítimas por um longo período da vida. A diversidade de tipos de violência experienciados ou testemunhados era notória. Desde xingamentos, insultos, ameaças e humilhações até chutes, socos, tapas, destruição ou danificação de objetos ou utilização dos mesmos para infligir dor ou efetuar golpes.

[...] No caso a pessoa que fez isso não está mas aqui na cidade, ele está bem longe, mas ele...essa pessoa mudou mas [...] eu sei



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que ele quase, quase espancou a minha tia e, e no caso eu ouço a minha mãe falar e ocorreu só uma vez que eu vi que ele queria bater em uma pessoa. [...] **(Malala Yousafzai)**

Eu não gosto de falar sobre isso porque já aconteceu muitas vezes com a minha tia e com pessoas da minha família. **(Yusra Mardini)**

Minha mãe batia muito no meu pai parece que ele queria dar uma de brabo pra ela, ele tentava bater nela, aí ela não gostava e batia nele [...] Eu acho que na base dos sete anos, meus pais estavam brigando e eu meu pai, disse, foi muito violento (voz embargada) e ele levantou a mão para bater na mamãe na minha frente e a única coisa que ela soube dizer é que se ele iria fazer aquilo na minha frente (fungada) ele soltou ela com muita força e pegou o carro e saiu de casa [...] **(Anne Frank)**

Em alguns relatos, o fenômeno do abuso de substâncias e vício se correlacionava com a violência doméstica, muitas vezes sendo a mesma pessoa no seio familiar a desempenhar o papel de usuário transformado em agressor. Seja por efeito entorpecente das substâncias e suas alterações de comportamento e consciência, seja pela abstinência e necessidade de satisfazer o vício.

Gostaria de compartilhar a situação do meu irmão, ele é mais velho hoje em dia, já. Como eu já perdoei ele pelo que ele me fez naquela época. Acho que eu tinha 8 para 9 anos é... ele é/era ex usuário de drogas e quando ele usava, quando ele tava com efeito da substância, ele ficava muito agressivo. Uma vez ele chegou a bater em mim, me ameaçar de morte e isso tudo, naquela época eu não entendia, hoje em dia eu entendo mais. **(Marie Curie)**

É eu tinha um tio, assim, que ele era da igreja mas ele usava droga. Só que, tipo assim, ele não conseguia contentar o vício dele, ele toda vez queria usar mesmo sem dinheiro para pagar a droga. Aí... é... teve uma vez que ele chegou em casa né, e ai minha tia tinha



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

acabado de receber do trabalho dela, para sustentar as filhas delas e as coisas da minha tia. Aí ele pegou o dinheiro dela, todinho, aí para pagar a droga dele, aí ela foi chamar a polícia, ele bateu nela.

(Maria da Penha)

Outra repetição importante nos relatos parecia ser uma conturbada relação dos genitores ou de quem fazia esse papel. Em muitos casos, se tratavam de casais separados que não entravam em um acordo benéfico de guarda para os filhos e misturavam conflitos da conjugalidade com o exercício da parentalidade, mesmo aqueles que já viviam outros relacionamentos.

As tensões inerentes à relação marido-mulher ou ex marido e ex mulher muitas vezes transbordavam na dinâmica que tinham com os filhos, e em alguns relatos, levantou-se a suspeita de alienação parental de pelo menos um dos genitores. Os filhos presenciavam conflitos, discussões, ofensas e ameaças, e por vezes, acabavam envolvidos – em uma triangulação prejudicial para seu desenvolvimento.

Quando eu tinha 5 anos, minha mãe tinha conhecido um homem que ela foi morar com ele na mesma casa que ela morava, eu morava junto com ela e quando era de noite, eu vi ele batendo nela e enforcando ela. Uma vez o cara me bateu e ficou a marca na minha perna. Não podia fazer nada, né? **(Frida Kahlo)**

[...] minha avó me cuidava quando meus pais iam trabalhar. [...] ela falou que não gostei nunca de vocês, meu filho deveria se separar de você, dizendo para minha mãe e eu me sentia um pouquinho magoada. Mas aí então ela dizia, e você? Essa menina, ela não devia nem devia estar aqui. Vocês, eu, meu filho, decidiram ter essa menina. [...] então a minha avó, como se diz [...] pegou minhas coisas e quebrou. Então minha mãe disse, eu vou deixar esta casa eu não vou eu não vou permitir que você maltrate a minha filha e ao meu filho. **(Marie Curie)**



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Meu pai me batia. Quando eu vim embora para cá, para Manaus. Eu vim morar com ele. Guarda, aí minha mãe ficou com a minha outra irmã, mas só que não é filha dele. Mas quando eu vim para cá, quando eu saía para brincar, ele ia atrás de mim, ele me batia com galho de goiaba, de acerola. Tudo o que ele conseguia achar, ele me batia. **Eu** sempre quis morar com minha mãe, mas só que ele dizia que ela me mandou embora, eu quase que ia não gostava de mim, ele dizia, mas só que eu falava com ela. Ela não dizia isso. Ele que não queria que eu fosse embora para morar com ela. **(Greta Thunberg)**

Esses relatos revelam que em projeção, é provável que haja um grande número de crianças que testemunham a violência doméstica. Graham-Bermann (1998) afirma que a maioria das pesquisas de saúde mental na área de violência doméstica concluem que a mera exposição à violência doméstica é, em si mesma, um maltrato à criança, uma vez que enquanto a criança testemunha a agressão à sua mãe, está sendo vítima de violência psicológica.

Nosso contexto de pesquisa aponta para o fato da pluridimensionalidade de situações desta natureza. Todo o sofrimento e a dor perpetrados por situações de tal natureza são trazidos nas falas. Ocorre, neste momento o que Heidegger (2013) caracteriza como Temporalidade. Os alunos mergulham em sua historicidade e assinalam com os sentidos atribuídos a situações diversas de violência doméstica.

Situações similares foram encontradas nos estudos de Almeida, Miranda & Lourenço (2013), Branco & Tomanik (2012), Ferreira, Littig & Vescovi (2014), Nórtte (2015) tendo em vista que, apresentam que a violência doméstica, o ato físico ou não, tem sido presenciado por crianças e adolescentes. E isso, tem sido guardado. A sensação de incapacidade, de não poder ajudar, o medo e o temor, a insegurança daí



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

resultante , é origem de uma série de posturas desses sujeitos em seus vários nichos sociais.

1.3. Sentimentos que a violência causa

A maioria dos alunos entrevistados tiveram contato com o fenômeno da violência doméstica e foram atravessados por sentimentos específicos a partir dessa facticidade. Os sentimentos mais repetitivos desencadeados pelos episódios ou pela memória da violência em si eram tristeza e raiva. Em seguida medo/pavor, e então insegurança, culpa, impotência, ódio e perturbação. A seguir, alguns relatos que demonstram a prevalência dos sentimentos citados.

Eu me sinto muito triste, por não conseguir ajudar. [...] Tristeza e Raiva. **(Bertha Lutz)**

Tristeza e raiva **(Dorothy Mae Stang)**

Tristeza mesmo **(Harriet Tubman)**

Raiva **(Tia Ciata)**

Acho que lembrando disso veio memórias ruins do passado e eu acho que medo, tristeza, desespero, decepção, raiva. Todos, todos os pensamentos negativos possíveis. Me sentia inútil porque toda vez que fazia algo engraçado, meu pai dizia que eu não servia pra nada e que eu era igual a minha mãe **(Amelia Earhart)**

O medo enquanto resposta emocional comum foi bastante significativo. Muitos alunos relataram temer passar por aquilo de novo ou até mesmo temiam a volta para casa, pois sabiam que poderiam encarar uma nova experiência de violência doméstica assim que saíssem da entrevista. A resposta de medo demonstra a percepção das relações familiares e do ambiente doméstico enquanto ameaça e perigo iminente, onde naturalmente e em condições ideais e recomendáveis deveria haver harmonia e acolhimento.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

No caso já aconteceu na minha família, e [...] até hoje eu tenho muito pavor porque tenho medo, muita coisa [...] no caso estou com medo agora porque tocou no assunto e eu [...] eu tô com muito medo. E. Eu quero expressar mas eu não consigo (voz embargada). **(Malala Yousafzai)**

É ... isso já aconteceu com a minha mãe e [...] as vezes eu fico meio com medo, quando os meus pais discutem eu fico com medo. **(Joana D'arc)**

Eu já passei por isso, é que minha mãe se relacionou com um homem que não era meu pai e ele batia muito nela, e também minha irmã ficava me segurando se tremendo e também ele me falava várias coisas, que eu não ia ser ninguém na vida, que ele iria me matar, bastante traumatizante assim pra mim. **(Maud Stevens)**

A necessidade de fuga ou afastamento para apaziguar a situação apareceu como ideia e alternativa momentâneo para resolver o problema, notando-se o senso de responsabilidade, pertença e participação dos estudantes diante do contexto que viviam dentro de casa. Além disso, muitos adolescentes mostraram a sua preocupação diante da fala dos colegas que viveram experiências similares, buscando alternativas para ajudar os colegas a lidarem com a situação.

Superar... Superar, não é fácil para ninguém além disso ter acontecido recentemente na minha casa, o meu próprio tio com a minha mãe, é... eu tentei ao máximo me recuperar, porque não é fácil é a sua mãe, que te cuidou, te alimentou, sendo agredida por um homem que não sabe nem o que ela faz por todo mundo. Então, eu falaria para uma pessoa assim, que, viver não é fácil, só de viver não é fácil, o mundo não é fácil. **(Sofia Ionescu-Ogrezeanu)**

Eu acho que estaria preparada porque eu já passei por isso, eu acho que eu tentaria diminuir o nervosismo. Porque nunca pode-se falar com uma pessoa que tá ansiosa pra se acalmar; Eu tentaria diminuir



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

a ansiedade, nervosismo porque eu já passei por isso sozinha. Então, gostaria de ajudar os outros porque não me ajudaram, então eu prefiro ajudar os outros tentando fazer o que eu queria que fizesse comigo (relata muito emocionada). **(Amelia Earhart)**

Para você seguir em frente, tentado ao máximo esquecer aquilo que aconteceu. Porque realmente, não é uma coisa fácil de se lidar, é uma coisa muito difícil mas... tentar esquecer é o melhor e procurar ajuda, procurar alguém para desabafar é o melhor a se fazer. **(Nise da Silveira)**

Quando ela não tem em casa, ela procura na escola aonde ela percebe que é o único lugar de apoio que ela tem é nas amizade ou descontando nos outros a raiva que sente. Eu sou uma pessoa que, desculpa, vou falar de mim, mas sou uma pessoa que já tentei me suicidar tantas e tantas vezes, mas graças às amigades que eu tenho. Consegui, como posso dizer, evitar certos acontecimentos na minha vida. Hoje eu tenho Orgulho de dizer que eu conseguia conseguiria ajudar alguém que está tendo crise, como já aconteceu ontem. Uma colega minha estava chorando dentro de sala. Eu não falar, eu não vou pedir para tu ficar calma, para tu se acalmar, que não vai adiantar. Você não vai ficar calma, só piorar cada vez mais. A única coisa que eu posso fazer por você é te ouvir. Porque aconselhar? Eu não tenho palavras para descrever. É só isso que eu queria dizer para você. **(Simone de Beauvoir)**

Ser-no-mundo é ser-com-o-outro (Heidegger, 2013). Assim, este pensador considera o mundo das relações, a contínua interação com o outro que, pode ser vivenciada, como nos trazem as falas, sob dois aspectos. O primeiro, o que provoca medo, temor, que ameaça, o que denomina relação inautêntica, ou um cuidado inautêntico no qual não se permite que o outro se perceba com possibilidades.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

O segundo, por sua vez, é o relacionar autêntico em que a solicitude para com o outro possibilita que se aproprie de si mesmo e de seu caminhar. E na autenticidade o Dasein se compreende lançado a possibilidades (Heidegger, 2013; Castro, 2021).

Uma vez mais recorremos a estudos realizados a partir do Plantão Psicológico nas escolas, uma vez que, os trabalhos daí oriundos permitem corroborar com o encontrado nesta pesquisa. Em que sentido? No sentido de que nas falas dos participantes está muito presente o quanto a questão emocional se torna comprometida naquele que experiencia situações de violência. Entretanto, também a dimensão da ajuda ao Outro, da parceria e, principalmente, o quanto essa perspectiva de se colocar junto ao Outro, continente mesmo, resulta em segurança, resiliência, amizade consolidada. Como nos diz Castro (2021; 2023) o olhar sobre si mesmo se torna distorcido, tendo em vista que, o ser-si-mesmo só viabiliza o cotidiano a partir do que é vivenciado em casa, ou seja, sob o viés das consequências da violência doméstica.

2. **Configurações familiares:** instâncias de adoecimento

A família é o primeiro contato que o indivíduo tem com o mundo, conforme Porto e Dupont (2016), é por meio deste núcleo que a criança terá suas primeiras interações sociais – através do afeto, assistência, solidariedade e respeito – além de possibilitar o desenvolvimento psíquico, físico, moral e espiritual. No entanto, durante as rodas de conversas verificou-se a falta desse ambiente acolhedor:

É difícil encontrar essa situação de apoio, acolhimento quando o ambiente está com situação de violência doméstica. **(Frida Kahlo)** É... eu, eu cresci ouvindo as brigas dos meus pais e uma vez (pausa) é minha irmã ela é bem mais velha do que eu, acho que ela é uns nove anos mais velha do que eu e ela teve acompanhamento psicológico por causa disso, só que quanto eu tinha, eu acho que na



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

base dos sete anos, meus pais estavam brigando e eu meu pai, disse, foi muito violento (voz embargada) e ele levantou a mão para bater na mamãe na minha frente e a única coisa que ela soube dizer é que se ele iria fazer aquilo na minha frente (fungada) ele soltou ela com muita força e pegou o carro de saiu de casa e... passar por aquilo ali, acho que foi muito difícil pra mim porque eu não entendia, eu não sabia o que tava acontecendo, só que quando eu cresci e vi, eu acho que doeu tanto que eu não soube controlar e hoje eu tenho acesso de raiva e saio quebrando as coisas do meu quarto.

(Madame C.J. Walker)

Meu pai me batia quando eu vim. Embora para cá, para Manaus. Eu vim morar com ele. Guarda, aí minha mãe ficou com a minha outra irmã, mas só que não é filha dele. Mas quando eu vim para cá, quando eu saía para brincar, ele ia atrás de mim, ele me batia com galho de goiaba, de acerola. Tudo o que ele conseguia achar, ele me batia. **(Greta Thunberg)**

Torna-se necessário refletir que a configuração familiar adoecida pode ter como conseqüências os traumas, como foi visto nas categorias anteriores, e pode interferir na maneira como esse adolescente lidará com as situações ao longo de sua vida. Tendo em vista que é na relação com o outro que aprendemos a ser-no-mundo, então um indivíduo que presencia a resolução de conflitos com violência, entenderá que toda solução deve acontecer a partir de medidas extremas, podendo culminar em comportamentos autodestrutivos inclusive.

O adoecimento existencial é manifesto. As participantes questionam o sentido de maternagem e paternagem diante do que tem presenciado. São relações obtusas em alguns momentos, tendo em vista que, ao que fora propiciado cuidar, não assume suas responsabilidades neste sentido.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

A compreensão sobre o não-responsabilizar-se e agir de forma violenta para com o outro resulta em sensação de não-pertencimento e, conseqüentemente, direciona para a sensação de ter ocorrido uma espécie de perda do ser si-mesmo. É o que Heidegger (2013) assevera acerca do fato que, diante de facticidades cotidianas, as configurações relacionais passam por imensas transformações, impossibilitando esse outro de ser quem ele é por si mesmo. A compreensão do si-mesmo é inautêntica, impessoal (Heidegger, 2013).

Para Meira & Castro (2023) o ato violento provoca uma série de conseqüências, como essas que foram expostas. Ao adolescente resta questionar a configuração familiar a que pertence. Mas, a que pertencimento nos referimos? Ao de olharmos para nossos nichos familiares e perceber que ali, naquele grupo significativo sou respeitado, sou aceito, as relações me propiciam crescimento. Entretanto, conforme nos diz o estudo de Castro (2023) amparado em Heidegger, ser-no-mundo não é apenas estar lançado, é fazer parte e sentir-se fazendo parte de toda a processualidade do existir.

3. Reflexos da violência doméstica no ensino-aprendizagem

Falar sobre a violência doméstica no âmbito escolar levantou a discussão acerca da ligação entre a violência e a dificuldade escolar, tema muito comum no campo das pesquisas acadêmicas. Estudiosos como Preto e Moreira (2012) afirmam que grande parte dos filhos das vítimas de violência doméstica contra mulher apresentarem dificuldades no ensino-aprendizagem.

Não, eu não consigo aprender. Porque antes eu era bem melhor, porque foi ano passado que aconteceu isso com a minha família e agora eu só fico lembrando e não consigo estudar. **(Nise da Silveira)**
Você não se concentra **(Angela Davis)**



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Às vezes você só consegue pensar naquilo, você não consegue focar mais em nada. **(Dandara)**

Como se tudo o que a gente pensasse tudo o que a gente procurasse para distrair, voltasse tudo pro mesmo lugar. Como se a gente não conseguisse sair, como se fosse uma teia de aranha. (Fala muito emocionada). **(Amelia Earhart)**

Meira & Castro (2023) ao dissertarem sobre o quanto a marca causada pela violência, ressaltam que é uma marca que atravessa o corpo e o psicológico. É uma marca, literalmente, para o resto da vida. Mena, Silva & Castro (2023) em seu estudo propugnam que a violência a que o aluno ou aluna são submetidos é perene, inalcançável, profunda e que atormenta, dia após dia, o adolescente que, infelizmente, maioria das vezes, não sabe a quem recorrer e guarda consigo a gigantesca dimensão de dor e sofrimento provocados pelo ato violento do Outro que, é próximo, é significativo, é quem deveria estar cuidando. E isso gera ansiedade, insegurança emocional, angústia.

A partir do conceito de angústia apresentado por Heidegger (2013), que entende a angústia como algo incomum ao cotidiano, além do sentimento de não pertencimento a algo, pode-se interpretar que a angústia desses adolescentes acontece por conta de um ambiente hostil e que afeta, significativamente, sua relação com o mundo seja ele o mundo humano, o mundo próprio ou o mundo circundante, ou seja, a relação com o outro, a relação consigo mesmo e a relação com o entorno sociocultural e histórico, passa por transformações fazendo com que os mesmos não consigam se concentrar para realizar suas atividades dentro da escola. Imergem na im-possibilidade de ser-si-mesmo, são unicamente a marca que trazem, a dor e desesperança.

Considerações finais



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Considerando o que foi exposto, percebe-se a importância de discutir e trabalhar a violência doméstica dentro das escolas na cidade de Manaus. A partir das rodas de conversas, foi perceptível a angústia causada por este fenômeno na vida destes adolescentes, tal angústia era percebida numa inquietação dos membros inferiores ou até mesmo no medo de falar sobre o assunto, causando choro e fuga das palavras ao tentar lembrar e/ou encarar o fenômeno da violência.

Entende-se que abordar o tema em grupo pode ter sido um grande obstáculo, tendo em vista que era a primeira vez que estávamos tendo contato com estes discentes, trazendo um assunto pesado para alguns. A confiança teve de ser trabalhada de forma rápida, através da apresentação de um espaço seguro e livre de julgamentos, talvez a continuidade destes grupos poderiam trazer assuntos mais aprofundados sobre o tema, já que muitos só conseguiram falar sobre o fenômeno ao final do grupo.

No entanto, mesmo que poucos discentes tenham se sentido à vontade para falar sobre a violência doméstica com o grupo, os temas discutidos foram de grande valia para esta pesquisa e para outras proveniente desta, tendo em vista que existem poucas pesquisas de autoria nacional sobre o reflexo da violência doméstica na vida dos adolescentes.

Em paralelo com essa pesquisa, foi proposto um plantão psicológico dentro das escolas da cidade de Manaus para ajudar, não só esses adolescentes que sofrem violência doméstica, como outros que passam por diferentes situações que afetam a sua saúde mental.

Um questionamento resulta do que encontramos: como os adolescentes tem vivenciado o autocuidado? Perspectivas para estudos futuros.

Referências



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Alencar, Emanuel Herbert Elias; Meira, Janderson Costa & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). **O resgate da existencialidade adolescente:** o Plantão Psicológico e suas possibilidades. *AMazônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 136-157.

Almeida, Adriana Aparecida; Miranda, Olivia Barbosa; Lourenço, Lélío Moura (2013) Violência doméstica/intrafamiliar contra crianças e adolescentes: uma revisão bibliométrica. *Geraes – Rev. Interinst. Psicol.*, v. 6, n. 2, p. 298-311, jul.

Andrade, Elisa Meireles; Nakamura, Eunice; Paula, Cristiane Silvestre; Nascimento, Rosimeire do; Bordin, Isabel A. & Martin, Denise (2011). A visão dos profissionais de saúde em relação à violência doméstica contra crianças e adolescentes: um estudo qualitativo. *Saúde e Sociedade*, 20(1), 147-155.

Azevedo, Maria Amélia; Guerra, Viviane Nogueira de Azevedo (2011) *Mania de bater: A punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil*. Iglu.

Benebo, Faith Owunari; Schumann, Barbara & Vaezghasemi, Masoud (2018). *Intimate partner violence against women in Nigeria: a multilevel study investigating the effect of women's status* BMC Women's Health, 18: 136 <http://doi.org/10.1186/s12905-018-0628-7>

Benetti, Silvia Pereira da Cruz; Pizetta, Adriana; Schwartz, C. B., Hass, R. A., & MELO, Vera Lúcia Alves de (2010). Problemas de saúde mental na adolescência: Características familiares, eventos traumáticos e violência. *Psico-USF*, 15(3), 321-332

Brancahloe, Patrícia Georgia; Fogo, José Carlos & Williams, Lucia Cavalcante (2004). Crianças expostas à violência conjugal: avaliação do desempenho acadêmico. *Psicologia: Teoria e Prática*, 20(2), 113-117.

Brasil (1990). Lei Nº 8069, de 13 de julho de 1990. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília, DF. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L8069.htm

Brasil. Ministério da Saúde (2001). *Violência intrafamiliar: Orientações para a prática em serviço*. *Cadernos de Atenção Básica*, 8(131), 1-100.

Breinding, Matthew J. & Ziemroski, Jessica S. (2011). The relationship between intimate partner violence and children's asthma in 10 US states/territories. *Pediatric Allergy and Immunology*, 22, 95-100.

Castro, Ewerton Helder Bentes de (2009) *A experiência do diagnóstico: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da*



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

filosofia de Martin Heidegger – Ribeirão Preto. Faculdade de filosofia, ciências e letras de Ribeirão Preto. USP. Tese (Doutorado) 182p.

Castro, Ewerton Helder Bentes de (2017) A filosofia de Martin Heidegger. In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (2009) (Org.) *Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa*. – Appris, 2017, p. 17-26.

Castro, Ewerton Helder Bentes de (2019) *Práticas de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica* - Appris.

Castro, Ewerton Helder Bentes de (2020) A clínica psicológica e a pesquisa em seus encontros, des-encontros e re-encontros: desvelando olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (Org.) (2020) *Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica*. – Editora Appris, p. 157-176.

Castro, Ewerton Helder Bentes de. (2021) Suicídio, autolesão, relações, fatores contemporâneos: a vivência do desamparo sob o viés da Fenomenologia e a clínica dos três olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (2021) *Perspectivas em Psicologia Fenomenológico-Existencial: fazeres, saberes e possibilidades* – Editora Dialética, p. 309-330

Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). Plantão psicológico em escolas da rede pública de ensino em Manaus: possibilidades e perspectivas. *AMAZônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 9-32.

Chauí, Marilena (1998). Ética e violência. *Teoria e debate* [online]. Ed. 39, out/dez.

Debarbieux, Erick (2002). Cientistas, políticos e violência: rumo a uma comunidade científica europeia para lidar com a violência nas escolas? In: Debarbieux, Erick & Blaya, Catherine (Orgs.). *Violência nas Escolas: dez abordagens europeias*. Brasília: Unesco.

Giorgi, Amedeo & Souza, Daniel (2010) *Método fenomenológico de investigação em Psicologia*. Fim do Século.

Gomes, Kássia Karina Amorim & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2016) Compreendendo a vivência de crianças com câncer através da Fenomenologia. *Ayvu: Revista de Psicologia* (pp. 94-121), 2(2), <http://doi.org/10.22409/ayvu.v2i2>

Hanson, Rochelle F.; Self-Brown, Shannon; Borntrager, Cameo; Kilpatrick, Dean G.; Saunders, Benjamin E.; Resnick, Heidi S. & Amstadter, Ananda (2008). Relations among gender, violence exposure and mental health: The national survey of adolescents.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

American Journal of Orthopsychiatry, 3, 313-321.

Doi:10.1037/a0014056

- Hardaway, Cecily; Mcloyd, Vonnie C. & Wood, Dana (2012). Exposure to violence and socioemotional adjustment in low-income youth: An examination of protective factors. *American Journal Community Psychology*, 49, 112-126. Doi:10.1007/s10464-011-9440-3
- Hart, Shayla; Hodgkinson, Stacy; Belcher, Harolyn M. E.; Hyman, Corine & Cooley-Strickland, Michele (2012). Somatic symptoms, peer and school stress, and family and community violence exposure among urban elementary school children. *Journal Behavioral Medicine*, 15, 1-8
- Haynie, Dana L.; Petts, Richard J.; Maimon, David & Piquero, Alex R. (2009). Exposure to violence in adolescence and precocious role exits. *Journal Youth Adolescence*, 38, 269-286. Doi:10.1007/s10964-008-9343-2
- Heidegger, Martin (2013) *Ser e Tempo*. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Vozes: Editora Universitária São Francisco.
- Heidegger, Martin (2003) *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*. Tradução Marco Antonio Casanova. – Forense Universitária.
- Ho, Man Yee & CHEUNG, Fanny M. (2010). The differential effects of forms and settings of exposure to violence on adolescents' adjustment. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(7), 1309-1337. Doi:10.1177/0886260509340548
- Maldonado, Daniela Patrícia Ado & Williams, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque (2005) O Comportamento Agressivo de Crianças do Sexo Masculino na Escola e sua Relação com a violência doméstica, *Psicologia em Estudo*, v. 10, n. 3, p. 353-362, set./dez.
- Margolin, Gayla; Vickerman, Katrina A.; Oliver, Pamela H. & Gordis, Elana B. (2010). Violence exposure in multiple interpersonal domains: Cumulative and differential effects. *Journal of Adolescent Health*, 47, 198- 205. Doi:j.jadohealth.
- Martins, Rosimeire de Carvalho (2010). *Jovens mulheres Vitimadas: abuso sexual, sofrimento e resiliência*. Juruá.
- Meira, Janderson Costa & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023) O adolescer, a escuta, a fala e o ser-possível de alunos no plantão psicológico. *AMAZônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 51-70.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Mena, Vanessa Benites; Silva, San Zureik Calacina da & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). Plantão psicológico em instituição escolar de Manaus, a pluridimensionalidade adolescente: relato de experiência *AMAZônica* – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 112-137.

Mena, Vanessa Benites; Silva, San Zureik Calacina da & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). Plantão psicológico em instituição escolar de Manaus, a pluridimensionalidade adolescente: relato de experiência *AMAZônica* – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 112-137.

Minayo, Maria Cecília de Souza (2006). *Contextualização do debate sobre violência contra crianças e adolescentes*. In Ministério da Saúde (Ed.), *Violência faz mal à saúde* (pp. 13-16). Brasília, DF: Ministério da Saúde.

Minayo, Maria Cecília de Souza (2014). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Vozes.

Mrug, Sylvie & Windle, Michael (2010). Prospective effects of violence exposure across multiple contexts on early adolescents' internalizing and externalizing problems. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 51(8), 953-961. Doi:10.1111/j.1469- 7610.2010.02222.x

Oliveira, Eleonora Menicucci de *et al* (2005) Atendimento às mulheres vítimas de violência sexual: um estudo qualitativo. *Rev. Saúde Pública* v.39 n.3 jun.

Paes, Jane da Silva & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). *A processualidade desse Eu que cuida: as vivências dos plantonistas pela ótica do supervisor*. *AMAZônica* – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 158-176.

Pereira, Denis Guimarães & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2019) Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa. In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (Org.) *Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica* – 1ª ed. – Appris, p.15-32.

Porto, Rafael Luiz de Aguiar & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2020) Subjetivação, feminilidade e corpos (trans)formados em tempo de Aids: a escuta de mulheres transgênero. In: Castro, Ewerton Helder Bentes de *Pluridimensionalidade em Psicologia Fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica* – 1ª ed. – Appris, p. 105-130.

Porto, Rosane Teresinha Carvalho & Dupont, Fabiano Rodrigo (2016) A participação da criança desde a primeira infância nas ações que visem enfrentar e violência intrafamiliar e suas consequências como



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

uma estratégia fundamental para a construção de uma política efetiva. *Barbarói ; (47,N.Esp): 179-192, Jan.-Jul.*

- Preto, Micaela & Moreira, Paulo A. S. (2012) Auto-regulação da aprendizagem em crianças e adolescentes filhos de vítimas de violência doméstica contra mulheres. *Psicol. Reflex. Crit.*, v. 25, n. 4, p. 730-737.
- Silva, Graziela Eliana Costa; Resende, Gabriela de Andrade (2019). Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes: Uma Revisão de Literaturas Pós-estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). In: *Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 16. Anais [...]. Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 2019. P. 3-3.*
- Silva, Jonileide Manguiera & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2015) Ela tem peito, sou des-peitada: muito prazer: sou mastectomizada. *Ayvu, Revista de Psicologia*, 2(1), 47-83. <http://doi.org/10.22409/ayvu.v2i1>
- Silva, San Zureik Calacina da & Castro, Ewerton Heder Bentes de (2023). Corpo que é meu, mas não sou eu: o não-reconhecimento do ser-si-mesmo *AMazônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 33-49.
- Soares, Ewelem Silva & Castro, Ewerton Helder Bentes de. De cada dificuldade, minha trajetória como discente-empresária-mãe-filha me revelou o mundo: o olhar sobre a díade trabalho-academia. In: *Pluridimensionalidade em Psicologia Fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica – 1ª ed. – Curitiba: Appris, p. 63-82, 2020.*
- Waisendisz, Júlio Jacobo (Coord.). (1999) *Juventude e violência: os jovens de Brasília*. UNESCO/Cortez.
- Waisendisz, Júlio Jacobo (2015) *Mapa da violência 2015*. Homicídios de Mulheres no Brasil.
- Williams, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque et al., (2011) *Prevenção do Abuso Sexual Infantil: Um enfoque interdisciplinar*. Juruá, 1. Ed. 2. Reimpressão.
- Williams, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque; D’Affonseca, Sabrina Mazo; Correia, Tatiane Alves & Albuquerque, Paloma Pegolo (2011). Efeitos a longo prazo de vitimização na escola. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 4(2), 187-199.
- World Health Organization (2002). *Version of the introduction to the world report on violence and health*. Author.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Recebido: 03-2023

Aceito: 25-04-2023

Publicado: 01-

07-2023

Autores

Ewerton Helder Bentes de Castro

Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>

Janderson Costa Meira

Gestor de Recursos Humanos pela UNIP – Manaus. Graduando em Psicologia pela Escola Superior Batista do Amazonas – ESBAM. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor acadêmico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: jandersonmeiraa@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9145-6465>

Ruy Siqueira de Lima

Graduação – Comunicação Social, Rádio, TV e Internet – Centro Universitário do Norte – UNINORTE. Graduando – Psicologia – 9º período Centro Universitário do Norte – UNINORTE. Membro sócio da Associação Brasileira de Alzheimer (ABRAz) Regional Amazonas. Membro da Liga Acadêmica de Psicologia da Uninorte – (LAPSIUNN). Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico Existencial (LAPFE). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico Existencial (LABFEN). E-mail: ruylima@gmail.com Orcid : <https://orcid.org.0009-0004-0303-9506>

Vanessa Benites Mena

Graduanda em Psicologia na Escola Superior Batista do Amazonas. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Existencial certificado pelo CNPq. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN (FAPSI/UFAM). Membro do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). E-mail: menaa.vanessa@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9017-9259>

Larissa Sena de Souza

Graduanda em Psicologia na Escola Superior Batista do Amazonas. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN (FAPSI/UFAM). Membro do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). E-mail: larissa.sena26@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-3204-3515>

Débora Moutinho Rodrigues

Graduanda em Psicologia pela Faculdade Metropolitana de Manaus – FAMETRO. Apoio técnico em Psicologia no Serviço de Acolhimento para crianças e adolescentes sob medida protetiva (SAICA). Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE). Plantonista do Plantão Psicológico em Escolas do sistema público de ensino em Manaus. E-mail: debora13rodrigues@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-4873-8352>